

Regionalismo e internacionalismo

Resposta a José Dias Sancho

II

DIAS SANCHO PREZADO AMIGO:

UM outro aspecto do panorama das minhas ideias sobre regionalismo, e para ver o qual, em detalhe, V. necessita o binóculo dum esclarecimento, é esse das traduções.

Eu não defendo o universalismo na literatura apenas porque isso pode facilitar a tradução duma obra em vários idiomas, especialmente numa época em que as traduções levam consigo um carácter mercenário. E este é o caso das obras de Onhet, que V. cita — de Onhet a quem a crítica francesa situou “à margem da literatura”...

Eu não compreendo que se submeta a Arte, sem a afrontar, a qualquer outra preocupação que não seja uma preocupação artística. Às vezes até uma ideia nobre, presidindo à laboração literária, prejudica o fulcro artístico que o escritor podia atingir. E afirmo isto com autoridade, pois V. sabe que raramente faço Arte pela Arte.

Ante a magnitude e a pureza do anseio artístico, todas as outras preocupações são mesquinhas — e se por vezes se agigantam é porque o escritor não nasceu para ser artista, mas sim industrial, ou porque a vida, adentro duma sociedade iníqua como esta em que vivemos, o obriga a fazer da própria dor um elemento de defesa.

Escrever, portanto, sob a preocupação de internacionalizar suas obras, com intuítos mercenários ou de vaidade, como aquele nosso confrade que V. cita; é preocupação mesquinha, que eu desprezo e não defendo.

Mas escrever, condensando beleza, adensando estados de alma elevados, que possam ser compreendidos e sentidos por toda a humanidade, sem perder através dos filtros das traduções seu valor inicial, esse deve ser o máximo anseio de todo o literato.

Eu sentir-me-ia triste e movido por um sentimento egoísta, no dia em que escrevesse só para o país onde nasci — só para o idioma em que falo. Eu, como intelectual, não podia nunca erguer tal muralha ao cérebro — sem afrontar a própria inteligência da minha época. E como aplaudir o regionalismo, quando anseio para a humanidade um só idioma — um idioma universal?

O dever máximo do artista é perscrutar a alma do universo — e encarcerá-la na alma e nos anseios e nos sentimentos de seus personagens. Para isso não importa que esses personagens estejam situados em Portugal ou na Rússia, porque eles estarão sempre no universo.

¿Criaram os regionalistas personagens universais? ¿Deram os regionalistas a seus personagens uma alma universalmente compreendida?

Não. Logo, traíram egoísticamente ou ineptamente a sua missão de artistas — dando a um povo aquilo que deviam dar à humanidade.

Por isso, não defendendo eu a ideia da tradução como preocupação máxima do literato, pretendo, contudo, que uma obra tenha todas as qualidades para ser traduzida e compreendida em todos os idiomas. Não pelo artista, mas por aqueles a quem a beleza da obra há-de envolver.

Diz V. que “o artista, antes de escrever para o mundo, escreve para si”. Concordo completamente. Mas... ¡Ai do artista que na nossa época tenha uma alma tam pequena que caiba dentro das quatro árvores que limitam uma aldeia ou dessa linha do horizonte

onde o sol à tarde agoniza e que demarca uma região! E nisto refiro-me exclusivamente ao artista — e não às árvores e à linha do horizonte, que são duradouros motivos de beleza...

Todo o anseio artístico verdadeiramente intenso e transcendente tende a romper todas as couraças, para ir mais além, para a distância infinita — que é sempre onde estão as quimeras e as nobres aspirações. Daí o Pégaso e outras velhas imagens literárias, como “o voo” dos poetas e “as asas da fantasia”...

Dir-me há V., brandindo esse argumento que encontramos sempre nas entrelinhas das ideias contrárias, que dentro do regionalismo é possível fixar uma alma ansiosa de libertação, em luta com o meio, uma alma que quer romper as grades de seu cárcere quotidiano.

Isso, porém, já não é regionalismo — isso é o cenário do drama.

Felizmente, este equívoco, esta elasticidade que se dá ao regionalismo, tem levado muitos escritores a fazer obra universal, supondo que fazem obra regional. A literatura sul-americana está cheia desses equívocos.

E equivocados se encontram também aqueles que supõem que a literatura internacional é uma criação da nossa época — e tem por elementos apenas a combóios e vapores, a hotéis e mulheres de cabelo a *la garçonne*...

Eu não considero mesmo internacionalistas aos irmãos Tharaud, a Paul Morand, e Blaise Cendrars e a outros que em França vêm fixando o galante e o pitoresco de várias partes do mundo.

Eles estão no mesmo plano desses escritores ingleses que escolhem os pontos mais exóticos do globo para justificar as suas inverosímeis aventuras de novela. Esse falso internacionalismo de alguns escritores franceses contemporâneos, nada têm com a verdadeira arte internacional — com a verdadeira arte universal.

Essa obra não é mais do que apontamentos, arabescos, caprichos, escritos e desenhados à margem dos guias de turismo. É uma literatura para quem não pode viajar.

A verdadeira literatura universal é já mui antiga e está em todas essas obras que têm resistido ao bolor dos séculos e que nunca perderam seu encanto em nenhum idioma, a-pesar-de muitas delas terem ressuscitado de línguas mortas.

E o século passado, na sua última parte, como o seu culto espírito conhece, universalizou definitivamente a literatura, criando e fixando almas tam profundamente humanas, que em parte alguma do mundo passaram incompreendidas. Por toda a parte elas deixaram o sulco de sua dor, de seu desvário, de sua ambição ou de seu sonho.

Evidentemente que no século XX a alma internacional é mais tumultuosa, mais incoerente — e a literatura, para a fixar, tem de se encher também desse tumulto e dessa incoerência.

¿Que importa isso, porém? ¿Porque repudiar o navio, o compartimento do combóio, o aeroplano, o telefone, a telegrafia sem fios e o cabelo cortado a *la garçonne*, se são elementos duma época que a literatura deve fixar, porque deles uns são causa, outros consequência da psicologia contemporânea?

E ¿quem nos afirma que os literatos antigos, perante esses elementos novelescos, não

lução de Evora, do mesmo ano, em que figura o célebre “Malhadinho”. A narrativa da restauração é muito desenvolvida e talvez que seja este o documento literário mais antigo em que ela aparece, pois data do próprio ano de 1640.”

Foram estes incontestavelmente os primeiros periódicos portugueses, antigos embora, mas que de-certo ao chegarem à Índia eram copiados e circulavam soltos.

Sem dúvida animado pelo êxito dessas “Relações”, Severim de Faria resolveu-se a fazê-las imprimir para circularem no reino e, assim, em 1626 aparece a “Relação Universal do que succedeo em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente, de Março de 625 até todo Setembro de 626”. Como chamariz, Severim de Faria punha em sub-título: “Contêm muitas particularidades e curiosidades” e acrescentava que era “ordenada por Francisco de Abreu natural desta Cidade de Lisboa”. A “Relação” indicava ter sido impressa em Lisboa, em 1626, por Geraldo da Vinha e possuir “todas as licenças necessárias”.

Não obstante Inocêncio Francisco da Silva, nas suas “Cartas bibliográficas”, não reconhecer às “Relações” o carácter de publicações periódicas, Silva Pereira, no seu “Dicionário Jornalístico Português”, que se conserva na Biblioteca da Academia das Ciências e é citado pelo dr. sr. Alfredo da Cunha, considera-as os primeiros periódicos portugueses impressos e acrescenta até que se publicavam em “folhetos mensais ou bi-mensais, mas em períodos irregulares de publicação”.

Parece que essas “Relações” impressas não foram monopólio do chantre Severim de Faria, porque já em 1627 o Estado, atento, legislava sobre a sua publicação, acentuando haver anos já que era utilizada tal forma de transmitir novas e falando duma maneira genérica.

Borges Carneiro, no seu “Resumo Chronologico das Leis”, cita uma Carta Régia para a censura das Gazetas, que traslada e que Silva Túllo foi ver nos códices da “Correspondência do Desembargo” de 1627-1628.

Diz assim esse notável documento, onde se adivinha a pata de Filipe III e no qual muitos estadistas da República se louvam para perseguir e vexar a sua imprensa:

“Por carta de Sua Magestade de 26 de Janeiro de 627. — De alguns anos a esta parte se tem introduzido nessa cidade escrever e imprimir relações de novas gerais; e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, do que resultam graves inconvenientes: ordenareis que se não possam imprimir sem as licenças ordinarias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado. — Christovam Soares.”

¡Trezentos anos depois, as razões alegadas para estabelecer a censura são as mesmas, e até a linguagem empregada é quasi idêntica!

J. B.

■ ■ ■ O metro, medida de verso, ou unidade de medida de comprimento, de superfície ou de volume, serve de base a todo um sistema de pesos e medidas chamado sistema métrico. Como objecto usual de medida de comprimento é construído em pano, em metal ou em madeira, inteiriço ou articulado em decímetros ou duplos decímetros, conforme a aplicação.

O metro serve para medir as grandezas que se podem medir... Há grandezas que o metro não pode medir, e que se medem por outros meios matemáticos e portanto, rigorosos... Há ainda outras grandezas que se não podem medir: o egoísmo, a ignorância, a insensatez do homem, são *grandezas* que nem a matemática, nem a fita métrica, nem as antigas medidas, ¡nada!... Não houve ainda nada que as pudesse medir, para lhes ser aplicada a conveniente terapêutica... — ÁBILOS

■ ■ ■ ¡O clarim da vitória não ressuscita as vítimas!

(d'Algueres)

■ ■ ■ A virtude é a beleza que perdura, a beleza essencial que dá realce e vida à beleza que se exterioriza, à beleza da forma, à beleza física. — ÁBILOS

se sentiriam felizes, vendo a possibilidade de encontrar um novo motivo de beleza?

D. Quixote hoje não andaria numa pileca, mas sim num automóvel...

O que nos prejudica, meu caro Dias Sanchez, é querermos viver, por vezes, o espírito que se encarcera nos museus e nas bibliotecas que nos deixou o passado — espírito inegavelmente belo mas que pesa muito sobre nós.

Eu não creio que essa *novela internacional*, de que V. me nomeou apóstolo, seja característica devido "ao tipo anódino e charro que representa hoje a mulher *internacional* de cabelos cortados"; assim como não creio que para se escrever uma novela internacional seja necessário obrigar os personagens a viajarem...

E' necessário não confundirmos *internacionalismo* com *turismo*... E' necessário não igualar o espírito da mulher contemporânea a essas americanas que aportam a todos os continentes com um *magazine* debaixo do braço e um cigarro na ponta dos lábios — duas coisas muito interessantes, mas que não bastam para sintetizar uma alma.

E' necessário ainda não desdenhar a mulher que tem o espírito da sua época, apenas porque gosta de cigarros egípcios, porque usa os cabelos cortados, as saias curtas, porque guia automóveis e cruza as pernas semi-nuas com uma estranha agilidade. Isso, que no passado seria odioso, será amanhã natural — e hoje só é estranhável porque essas predilecções estão no período precursor. Não vejamos a nossa época com os óculos dos nossos avós!

A nossa época também possui grandes almas, dignas de tentar um novelista, almas verdadeiramente universais, como é a deste século admirável.

E' questão de sabermos encontrá-las, debaixo da lupa de nossos olhos. Diga-me, sim, e eu acredito-lo hei, que estamos ainda sob a influência das almas passadas — e isso tira-nos muita da penetração analítica que a nossa época exige. Diga-me, sim, que nós somos mais infelizes que os nossos antepassados, pois estes — como Balzac e Zola — não prescaram uma alma recém-criada, mas sim fixaram uma alma que veio rotando até eles sobre as ondas de muitos séculos. A psicologia do século passado era o futuro duma larga evolução, ao passo que a da nossa época representa uma convulsão nessa linha evolutiva. Todos os relógios no século vinte se aceleraram — e a esse forte movimento não podia furtar-se o relógio psicológico.

O nosso trabalho terá, pois, de ser maior, porque a alma da nossa época perdeu sua lenta evolução e adquiriu muitos outros aspectos, isolados de todo o sentido de continuidade. E por isso também nossas sondas terão de descer muitas vezes, hesitantemente, até encontrarem a maior profundidade.

Abraça-o efusivamente o seu muito amigo, que lhe promete ainda uma nova flotilha de considerações.

FERREIRA DE CASTRO

... Essa perturbação dos cérebros, esse desvario do pensamento, essa fraqueza das vontades produzem-se em todas as épocas de transição, quando a humanidade se encontra nos confins de um mundo que se vai e de um outro que aparece: é como a hora matutina em que a madrugada começa a desenhá-la vagamente, sobre um fundo sombrio, e os objectos ainda mal alumados. — SEBASTIÃO FAURE

... O que é liberdade? E' o homem ou a mulher não pertencer nem obedecer senão a si mesmo. E' reconhecer apenas como legítima a autoridade que reside em nós, e nos mostra o direito ou o dever de fazermos o que queremos, depois de conhecermos o melhor caminho... — ABILOS

... Se és forte, dedica toda a tua actividade ao amor. Se careces de energia, faz com que a tua fraqueza seja a fraqueza do amor. Assim como o atleta observa o desenvolvimento da sua musculatura, procura tu desenvolver as tuas qualidades de inteligência e benevolência...

(d'Algueres)

CRÓNICA INTERNACIONAL

A conferência de Locarno

TEM havido depois do tratado de Versailles um sem número de conferências internacionais para concertar o que parece não ter concerto.

Houve os que reüniram em S. Remo, Bolonha, Paris e Londres, os homens de Estado dos países aliados para constranger a Alemanha a executar o tratado de Versailles. Houve os de Spa, em 1920; de Cannes, em 1922; de Londres, em 1923, e outra de Londres, em 1924, esta para a adoção do plano de Dawes.

Por importantes que tenham sido estas reuniões nenhuma se apresentou com um carácter tão decisivo como a de Locarno. Nas conferências precedentes tratava-se de conseqüências da guerra. Desta vez trata-se de criar um novo estado de cousas, tendo em vista assegurar a paz para o futuro. A Alemanha desta vez toma parte no mesmo pé de igualdade das outras potências. E' bom não esquecer que o projecto do «pacto de segurança» que se vai discutir é da sua autoria.

Teria ela formulado a ideia do Pacto com sinceridade ou com o intuito de dividir os aliados? Póde-se duvidar dela em presença das hesitações que manifestou desde que a sua ideia do Pacto começou a tomar corpo e que a França e a Inglaterra adotaram a seu respeito uma atitude comum. Póde-se duvidar dela, ainda mais, desde que o governo alemão renovou, a respeito da responsabilidade da guerra, declarações que põem em causa o próprio espírito do tratado de Versailles.

Como quer que seja, a Alemanha encontra-se em Locarno em frente dos aliados que mais directamente lutaram com ela de 1914 a 1918. Ela vai dizer naturalmente se quer a paz e como a entende, se quer essa paz sem pensamento reservado, sem restrições, se a quer com toda a gente ou apenas com alguns países.

Na Inglaterra, na França e na Bélgica, há grandes esperanças sobre a Conferência de Locarno. Nestes países, a julgar-se pelo que diz a sua imprensa, deseja-se que os debates cheguem a qualquer resultado benéfico.

Todavia esses mesmos jornais que assim exprimem os seus desejos de paz não ocultam os obstáculos que há a vencer.

E entram logo de pôr todos esses obstáculos do lado da Alemanha.

A Alemanha, dizem eles, esforçar-se-ia por enfraquecer e anular o tratado de Versailles. Fala-se em Berlim de alargar aos aliados a obrigação de desarmar, imposta pelo tratado sómente à Alemanha. Mas que contróle subsistiria para assegurar a todos que a Alemanha se não armaria em segredo? Insiste-se em Berlim que a deliberação sobre o Pacto de Segurança Ocidental nada tem que ver com o problema da segurança na Europa Oriental. E esta insistência desperta a suspeição dum propósito de ataque à Polonia.

Por aqui podemos ver que a tarefa da Conferência de Locarno não é fácil e que possivelmente é mais uma assembleia, como as anteriores, sem nenhum resultado apreciável. Os aliados não vêem na Alemanha senão sofismas e má vontade, mas eles por seu lado nada fazem para dissipar na Alemanha a ideia que o que eles pretendem é a sua perpetua escravidão.

Congresso sindical

O congresso internacional dos trabalhadores em madeira, reunido o mês passado em Bruxelas, resolveu que o Comité Federal se ocupe dum projecto de fusão da Federação internacional da construção civil.

Em Praga deve reunir a 26 do corrente o congresso inter-sindical dos sindicatos revolucionários, o qual discutirá as seguintes teses:

1.º — Organização e imprensa;

2.º — A situação económica e a estratégia das lutas operárias;

3.º — A legislação social na Tchecoslovaquia;

4.º — A reforma agrária, suas conseqüências e necessidade duma estreita colaboração entre o proletariado industrial e agrícola;

5.º — Sindicatos e Cooperativas.

A luta pelos salários

China — Diversas greves se têm produzido ultimamente na China, já depois de terminada a greve de Xangai. Estas greves são motivadas por razão de salários. Entre outros serviços há greves nos seguintes: ferroviários, textis, empregados do correio, impressores.

Uma greve mais importante se declarou nas minas de Kailain abrangendo 40.000 operários.

Polonia — Os metalúrgicos de Varsovia em número de 20.000 declararam-se em greve pedindo 50 por cento de aumento de salário em virtude do constante aumento de preço das mercadorias. A greve durou três semanas obtendo os grevistas 10 por cento apenas de aumento de salário.

... A imoralidade nas modas femininas não está precisamente no facto de a mulher andar mais ou menos destapada... A imoralidade reside na inconstância da moda, nos excessos do luxo, em criminoso contraste com a miséria andrajosa... E' isto que as pessoas virtuosas deviam ver com olhos de ver, para que fôsse mais completa a sua virtude!

A mulher podia usar saias curtas e manguinhas, e ser dotada de sentimentos mais humanitários, se vivesse num meio que lhe permitisse compreender melhor a vida.

A-pesar porém, de todos os males desta época de transição entre um passado que desaparece e um mundo novo que se aproxima — eu ainda acho preferível no ponto de vista moral e social, a mulher destapada de hoje, à mulher tapada de outros tempos de aparente virtude. Tapada de corpo, tapada de inteligência, patenteando a estrutura e a moral duma sociedade em que se não podia viver de rosto descoberto... — ABILOS

A BOMBA

A palavra bomba tem várias significações. Façamos-lhe a *autopsia* com o auxílio da gramática, da física, da química...

A gramática dir-nos-há que é uma palavra com duas sílabas e escreve-se com cinco letras, sendo uma repetida. A primeira sílaba dá-nos o nome «bom», as primeiras letras da palavra bondade... a segunda é formada pelas primeiras letras do alfabeto, o *b-a-ba*... — a luz, a instrução... Com as duas vogais e a letra *m* escreve-se amor, mas fica incompleto... e do ódio só tem o *o*. Temos pois bondade, luz, amor, mas tudo incompleto... e os dois extremos da palavra ódio...

Consultemos a física. Dir-nos-há que bomba é uma máquina hidráulica destinada a elevar um líquido acima do seu nível — podendo ser aspirante, premente, ou aspirante e premente — a bomba de incêndio — para apagar fogos. O depoimento da física dá-nos pois tudo que pode haver de mais engenhoso e humanitário.

Vejamos a química o que nos diz. Projectil ôco que contém matéria explosiva e rebenta com estrépito. Construída com diversos materiais, desde a pequenina e inofensiva bomba de pólvora seca — a bomba de St.º António e de S. João... da rapaziada — até à bomba de ras-tilho de enorme potência destruidora. Serve para assustar, para destruir, para matar. Serve na guerra. E' *artilharia civil* nas mãos de um revolucionário ou de um desvairado... é instrumento de morte... Temos pois que o depoimento da química é o que há de mais aterrorizante!

Em face de depoimentos tam contraditórios, como os da física que nos inspira a maior simpatia e o da química que nos inspira a maior repulsa... ¿que havemos de pensar e dizer da bomba? ¿E' bom, é mau, é simpático, é antipático, é indiferente? ¿E' progresso, é retrocesso? ¿Seria melhor não haver bombas e deixar arder as casas, ou será melhor havê-las... para as destruir? ¿Quantas vidas têm sido salvas pela bomba de incêndios? mas ¿quantas têm sido destruídas pela arma de guerra, de desvairamento, de loucura?

A Ciência e o Progresso ao serviço duma civilização falsa, tem servido mais para o mal do que para o bem... ¿é esta a conclusão triste a que chegamos?

¿Quando é que o homem terá miolos para saber pensar e aproveitar todos os elementos, todas as maravilhas, tudo que de belo e útil o espírito humano tem produzido e criado — para a verdadeira felicidade e bem-estar de todos os homens?

ABILOS